

Nota de Culpa

Sérgio Miguel Santos Silva

Resumo:

É normal gostar de animais. Mas quais?

Palavras-Chave: animais; medo; crueldade; tortura; pena; culpa.

All animals are equal, but some animals are more equal than others.

— George Orwell

Porcos

Eu cresci no campo. Os meus avós trabalhavam na terra e criavam animais. Os meus vizinhos trabalhavam na terra e criavam animais. Até as pessoas que não trabalhavam no campo criavam animais. Na aldeia, até onde chega a memória, as pessoas criavam animais. E até onde chega a memória as pessoas da aldeia matavam animais. Faz parte de criar animais matar esses animais. Nesta e em tantas outras aldeias.

Eu nunca matei criação, seria incapaz, mas habituei-me a que estes animais tivessem uma hora marcada. Galinhas, coelhos, patos, bois, perus. E porcos.

A matança do porco era quase um ritual. Era um dia diferente. Erguiam o porco pelas patas com uma retro-escavadora – o que já era um método bastante moderno – e vinha o Salvador dos porcos espetar-lhe a faca no pescoço, chamuscá-lo e desfazê-lo em bifes e demais carnes. Era um homem lúgubre, rude, que falava e ria muito alto, que dizia asneiras que me eram proibidas. Eu não

percebia porque é que chamavam ao homem salvador dos porcos quando a sua actividade era matá-los.

Nos anos 80, Salvador não era um nome da moda. Não conhecia ninguém que se chamasse Salvador. Eu nem sequer sabia que Salvador era um nome. Para mim, Salvador era uma outra forma de referir Jesus Cristo ou Deus, ou alguém que salvasse pessoas. Ou animais. Ou coisas. Como um nadador-salvador. Era lógico que assim fosse. Demorei alguns anos mais a descobrir que Salvador era nome próprio e que “dos porcos” era alcunha. Salvador dos porcos não era, afinal, profissão.

No momento em que o Salvador dos porcos espetava a faca e que o porco guinchava, alguém aparava o sangue num alguidar. Esse sangue era guardado e depois engrossado com farinha e açúcar. Depois era frito. Ao resultado chamava-se Mouriscas. Sim, é nojento, mas eu adorava.

Galinhas

A minha tia ficou com a cabeça na mão e deixou fugir o resto da galinha. As galinhas são animais estúpidos, toda a gente sabe. Ninguém se compadece de uma galinha, nem na sua vida, nem na sua morte. Ninguém, sequer, pensa muito em galinhas. São animais estúpidos com cabeça, imaginem sem ela. A pobre da minha tia ficou a olhar para a galinha a correr desorientada contra os muros, contra as árvores, contra as alfaias. Era um triste espetáculo que continuou por um ou dois minutos até que a morte se instalou no corpo sem cabeça do animal. A minha tia desatou a chorar. A galinha não tinha o direito de lhe ter feito aquilo. Eu fiquei meio em choque por mais dois minutos e depois aquilo passou-me. É possível que no jantar dessa noite me tenha calhado uma perna de frango.

Patos

Domesticamente os patos não têm um estatuto muito diferente das galinhas. São só menos vulgares, e menos estúpidos.

Coelhos

A Sophia de Mello Breyner Andresen escreveu¹:

*As pessoas sensíveis não são capazes
De matar galinhas
Porém são capazes
De comer galinhas*

O poema não é bem sobre galinhas, eu sei. Mas, mesmo assim, acho que discordo. O poema resultaria melhor com coelhos. As pessoas sensíveis são capazes de matar galinhas. Pelos motivos que já referi. Matar coelhos é outra história. E comer coelhos também. Os coelhos são animais fofinhos.

Há muito tempo eu e a minha irmã salvámos um coelho bebé que tinha, sabe-se lá como, enfiado a cabeça numa rede de quadrícula bastante apertada. Como é que ele a tinha lá metido não sabemos, mas sabemos quão difícil foi para a retirar. A quadrícula de arame era à justa para o pescoço do bicho. Tentei puxar um pouco, mas a minha irmã disse-me logo que não passava e que o ia matar. Pus-me a olhar para aquilo, ela tinha razão. Assim era impossível. Disse-lhe que não deixasse a coelha grande pisá-lo – podia partir-lhe o pescoço – e fui à garagem buscar um pequeno alicate de corte nas ferramentas do meu pai. Felizmente o meu pai tinha sempre uma grande variedade de ferramentas que se ajustavam a quase todas as situações. Mas talvez nem ele tivesse alguma vez pensado que um alicate de corte poderia ser a ferramenta útil para um salvamento cunicular. No entanto, de volta ao coelho e à rede tão apertada no pescoço, percebi que não seria fácil cortar o arame sem atingir a própria pele do coelho. Contava com algumas agravantes. Em primeiro lugar a minha pouca destreza com alicates de corte. Em segundo, o nervosismo e a falta de experiência em situações de vida ou morte. E em terceiro, um coelho pouco cooperante que se mexia sem parar. Fiz várias investidas, tentei vários ângulos. A minha irmã respondia como podia às minhas indicações. O coelho era muito pequeno e frágil. Qualquer desvio que num animal ligeiramente maior faria apenas um leve ferimento, neste caso talvez tivesse como causa aquilo que estávamos a tentar evitar. As mãos tremiam-me e não havia maneira de fazer aquilo. Mas numa fracção de segundo em que o recém-nascido ficou imóvel, talvez de cansaço, e em que o ângulo do alicate me pareceu mais favorável, eu apertei o arame nas pontas do alicate. O arame cedeu. Afastei a ponta dobrada e, cuidadosamente, conseguimos tirar dali o coelho. A pontinha de sangue que lhe causei não o impediu de crescer saudável e bonito. Demos-lhe leite durante uns

¹ Versos do poema *As Pessoas Sensíveis*, incluído em *Obra Poética*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, editado pela Assírio & Alvim em 2015, p. 485 (*N. do A.*)

tempos e depois outras comidas. Cresceu em nossa casa e é uma história bonita se a terminarmos aqui.

Tenho outra história de coelhos que, aviso já, termina muito pior.

Os coelhos eram frequentemente acometidos de mixomatose, uma doença que era genericamente chamada de moléstia. Quando algum coelho era diagnosticado com a maleita, não havia muito mais a fazer. Matava-se e enterrava-se o coelho doente. Aos restantes era aplicada a primeira parte da solução e, mais tarde, acabariam no tacho.

Um dia aconteceu nas coelheiras lá de casa. Para piorar o estado de coisas, por aqueles dias, estavam cheias. Calhou-me a mim ajudar o meu pai na tarefa. Matar era com ele e com o seu punho fechado sobre a nuca dos animais. Eu ajudava na parte de esfolar. Não era uma coisa de que gostasse mas estava habituado a ser chamado para isso de quando em quando.

Eu ouvia a pancada seca e depois o coelho vinha, agarrado pelas pernas de trás, cabeça para baixo. Podia descrever o processo que se seguia, mas seria seguramente muito pouco agradável.

Lembro-me que esse dia foi especialmente duro porque eram uns cinco ou seis coelhos. Aos que ficavam na coelheira foi-lhes oferecido o triste espetáculo de perceberem o seu futuro no cachaço dos demais. Pensei que talvez fosse melhor fazer aquilo noutra sítio, que mesmo sem malvadez era de uma crueldade desnecessária. Mas depois também pensei que talvez o meu pai visse isso como uma pieguice ou como uma recriminação. E não disse nada. Mais tarde, quando por qualquer razão comentámos este dia eu referi isso como o que me fizera mais aflição.

— Podias ter dito — respondeu o meu pai, acrescentando ainda — Não tenho nenhum prazer em causar sofrimento desnecessário aos animais.

No fim estava enjoado. O meu pai também parecia enjoado.

Quando a minha mãe nos comunicou que iria fazer coelho para o jantar, o meu pai disse que ela podia fazer se quisesse, mas ele iria comer qualquer coisa menos coelho. Agradei.

Bichos de contas

Aos bichos de contas perdi-lhes a conta.

Piolhos

Na verdade, nem fui eu. Foi a minha mãe.

Lombrigas

Fui ao médico e ele achou que eu estava magro. Eu sempre tinha estado magro mas, por via das dúvidas, deu-me uma medicação que iria ter duas consequências. Uma vida melhor para mim, e nenhuma para as lombrigas.

Caracóis, carocas & caracoletas

A minha avó vendia na praça da Ericeira. Dois sacos valiam-me para aí cem escudos. Um saco enchia-se em dez minutos só nas grades de cimento da escola primária. O segundo tomava um pouco mais tempo, paciência e campo. Talvez não fosse grande negócio, mas aos cinco ou seis anos não há muitas opções no que diz respeito a fontes de rendimento. Isto foi há muito tempo.

A história mais recente é esta: depois da chuva os caracóis vêm para a estrada à procura não sei muito bem de quê. Eu tirei a carta há vinte anos e desde essa altura que conduz o quase todos os dias. Mesmo nos dias em que chove.

Formigas

Eu bem que as avisei.

— Uma semana — disse — nem mais um dia!

Antes disso tinha ligado à minha mãe. Sempre que tenho qualquer problema em casa conheço esta consultora doméstica muito barata que atende por telefone em horário bastante alargado. Fiz-lhe uma descrição da desordem instalada na cozinha do terceiro andar que eu habitava por esses dias. Elas vinham às centenas, ou talvez milhares, das janelas de ferro que eram muito típicas das marquises de há umas décadas, que, para além de uma vista ampla sobre o Mar da Palha, me ofereciam um cenário muito parecido ao que Daniel Blaufuks tinha na sua cozinha que fotografou repetidamente no projecto Tentativa de Esgotamento. Pergunto-me se alguma vez terá tido nessa cozinha o mesmo problema. Desciam pelos azulejos brancos até ao chão, onde atravessavam, perfeitamente visíveis, a estreita faixa de mosaicos de cinzento muito claro. Contornavam depois o canto da cozinha por detrás do frigorífico aparecendo do lado contrário junto ao caixote do lixo onde, para minha surpresa, mantiveram toda a dignidade durante essa semana e onde não se detiveram nem hesitaram por um segundo que fosse. Resolutas, seguiam ainda pelo centímetro mais próximo da parede

até à porta que dava para o vestíbulo onde não chegavam a entrar. Aí atravessavam a porta para junto da base dos móveis de cozinha e continuavam numa longa marcha até ao fogão que, do lado oposto da cozinha, estava já muito próximo da marquise. Questionava-me sobre a razão de tal périplo se o carreiro podia ter atalhado a marquise em direcção ao fogão, mas como estava bastante irritado não lhes perguntei. Fiquei a vê-las subir pela parede junto ao fogão, passando depois para a bancada de granito que já lhes oferecia uma conveniente camuflagem no preciso local onde começavam a desaparecer numa pequena abertura entre o granito e a parede. As casas velhas têm buracos, reentrâncias, falhas e defeitos abundantes. Mas quando tudo indicava que fossem aparecer dentro do armário, isso não acontecia. Não fosse elas percorrerem o carreiro em ambas as direcções, e eu teria pensado que era um ritual qualquer de suicídio colectivo. Como as vacas suíças que às dezenas se atiraram de um penhasco dos Alpes. O objectivo parecia estar para lá daquele túnel que se abria atrás do granito e do móvel da cozinha. Essa parede dava para as escuras escadas do edifício, mas ali também não apareciam formigas. A minha cozinha, que frequentemente tinha loiça com resíduos de comida no lava-loiças e lixo por despejar, parecia estar a ser apenas uma passagem. Ainda assim, achei por bem lavar a loiça, as bancadas e o chão (excluindo o carreiro); ir deitar o lixo; isolar em sacos de plástico o açúcar e outros produtos que pudessem ter algum interesse para o exército invasor.

Chegado a casa no dia seguinte, deparei-me com o mesmo cenário, nada tinha mudado. Não me sentia sequer à vontade para cozinhar. Era como se a cozinha já não me pertencesse. Percebi facilmente que precisava de aconselhamento especialista. A minha mãe sugeriu-me como solução as limpezas e arrumações que já me tinham parecido apropriadas, e depois, referiu um produto que poderia comprar com muita facilidade em qualquer supermercado. O nome desse produto não deixava muitas dúvidas quanto ao fim que teriam as ocupantes da minha cozinha. Assim que desliguei, fiz duas coisas. Primeiro, estabeleci o calendário da retirada e comuniquéi-o bem alto para que se ouvisse. O ultimato tinha uma semana de validade. Depois fui jantar fora.

Uma semana e vários jantares nos restaurantes da cidade mais tarde, eu apareci armado na minha cozinha. Fiz um discurso irado de como tinha sido inútil ter tentado chamá-las à razão e ter-lhes dado tempo para reorganizarem a sua vida de maneira a que não precisassem da serventia da minha cozinha. Não parecia estar a ter resultado nenhum. As mães têm sempre razão. Comecei a fumigar o carreiro e aquilo era mesmo muito imediato. O dinheiro não tinha sido mal gasto. As formigas agonizavam visivelmente. Era horrível ao mesmo tempo que instigava em mim um certo sentimento de vingança. Estava a fazê-lo com um sórdido e indecente prazer e com alguns toques de crueldade. Fiquei ali a

olhar para elas durante algum tempo. Deixei algumas vivas logo na entrada das janelas. Achei por bem poupá-las que essas fossem partilhar com as restantes o que se tinha ali passado. Talvez isso me poupasse problemas no futuro, pensei, antes de me ter ocorrido que talvez se organizassem e me comessem durante o sono. Razões não lhes faltavam. A mim não me faltaram pesadelos com isso.

Entrei no quarto, preparei uma mala com umas roupas e fui para a casa dos meus pais por uns dias. Foi a primeira e única vez que cometi genocídio.

Formigas d'Asa

Imaginem um exército de formigas, adicionem-lhes a imprevisibilidade e o terror de um ataque aéreo. Vêm de qualquer lado e sem dar grandes hipóteses de defesa. É isso que são as formigas d'asa. São a Luftwaffe das formigas. Alvo a abater em qualquer circunstância.

Melgas e pulgas

São animais que se alimentam do meu sangue. É mesmo preciso dizer mais alguma coisa?

Carraças

Fui uma vez ferrado por uma carraça. Horas antes tinha ido dar uma volta no campo que rodeia a minha casa e estava tranquilamente a ver um filme com a minha namorada. Comecei a ter uma comichão, não muito longe da virilha. Depois essa comichão começou a ser mais forte e cocei a perna por cima das calças. Por esta altura deixou de ser comichão e tornou-se numa dor que se foi intensificando. Cocei com mais força. O filme estava a terminar e a aflição a começar. Assim que correram os créditos finais, levantei-me e fechei as cortinas com brusquidão. Baixei as calças. Talvez a minha namorada tivesse pensado noutra coisa, mas o que se seguiu não foi agradável. Ali estava, a carraça já a alimentar-se do meu sangue. E se doía! Pus-lhe um dedo em cima para a carraça não fugir, como se ela tivesse alguma intenção de partir à descoberta do mundo. A minha namorada foi buscar álcool e algodão. Começou uma luta de vários minutos para a separar da minha carne. Na verdade, álcool e algodão devia ser

como levar uma faca para uma luta de pistolas. Quando conseguimos, continuávamos a ter um problema. O que fazer com ela? Continuava viva. Eu sugeri queimá-la, juntamente com o algodão impregnado de álcool. Seria fácil, rápido e impiedoso. Tal foi o entusiasmo cego de assistir a tal espetáculo que nem me ocorreu qualquer preocupação em deitar fogo à casa.

– Estás maluco! – disse a minha namorada.

E, com isto, deitou o algodão que envolvia a carraça na sanita e puxou o autoclismo. Não foi com fogo, foi com água.

Moscas

Há em quase todas as casas um mata-moscas. Não sei como se conta a paciência, mas tenho a certeza que é muito menos do que isso.

Mosquitos

Escondem-se na fruta, sabe-se lá a fazer o quê. Se fosse coisa boa não se escondiam. Quem não deve não teme.

Centopeias

Seria incapaz de dormir sabendo da presença de uma centopeia no meu quarto. Não é bem medo, não é bem nojo, mas não é certamente nenhum tipo de apreço. Eu acompanhá-las-ia à porta se elas para lá se dirigissem pelos seus próprios e imensos pés. O meu pé calça o 43. Felizmente, é imenso pé para falhar uma centopeia.

Aranhas

Dizem que dá dinheiro ter aranhas em casa. E embora continue sem evidências disso, poupo-as muitas vezes à custa desse ensinamento popular.

Lembro-me especialmente de um dia em que deixei três irem à sua vida. Mais tarde, ainda durante esse dia, recebi das Finanças uma carta desagradável. Reavaliei e reverti a minha decisão anterior.

—

Homenagem aqui aos insectos desconhecidos que pereceram às minhas mãos. Ou pés.

Abelhas, vespas e zangões

Já fui mordido várias vezes por abelhas. Não lhes guardo rancor, só medo. Numa dessas vezes fui mordido numa orelha, o que não só me causou uma dor extremamente forte, como no espaço de muito poucos minutos me deixou a orelha com o dobro do tamanho e um inchaço que começou a alastrar ao pescoço. Fui de imediato ao hospital e receitaram-me antibiótico. Se continuasse a inchar àquele ritmo eu podia sufocar, disseram-me. Como facilmente se poderá perceber, não sufoquei. Mas já me disseram coisas menos perturbadoras num hospital por coisas possivelmente mais graves.

Racionalmente é isso que eu acho. Mas, na verdade, todas as abelhas ou animais que se pareçam com abelhas são para mim uma ameaça. E nem o facto de saber que se me ferrarem o seu destino é pior do que o meu me deixa descansado.

Ouvi dizer que as abelhas estão em risco de extinção. É uma informação que me deixa em conflito interior. Matar para ficar tranquilo inquieta-me. Mas ficar quieto e viver com elas não me tranquiliza.

Ratos

— Acho que tenho um rato em casa — disse-me a minha namorada.

Perguntei-lhe porquê. Afinal, ninguém diz que acha que tem um rato em casa se o tiver visto. Se não houvesse nenhuma evidência, haveria seguramente algum indício. E, se não havia provas suficientes para confirmar essa inquietante realidade, havia indícios relativamente claros de que podia ter razão.

— E agora? — perguntou-me.

O que fazem as pessoas quando têm ratos em casa? Suponho que montem uma ratoeira. Deve haver muitos tipos de ratoeiras. Lembro-me de uma especialmente cruel que o Tom Waits levou ao programa do Letterman. Talvez não fosse coincidência que o disco que estivesse a promover se chamasse Bad As Me. Fez questão de explicar ao David Letterman o que era aquilo e como é que funcionava. Em geral as armadilhas são dispositivos que usam o movimento da presa para a sua própria captura. Nesse sentido, mais original ou mais vulgar,

aquela ratoeira não tinha nada de inesperado. No entanto, o objecto possuía uma pega de mão e uns buracos misteriosos. Depois de criar alguma expectativa, Tom Waits acabou por explicar. Depois do rato ficar preso dentro do mecanismo, podia pegar-se naquele cárcere portátil e submergi-lo na água. Não tenho conhecimento das capacidades de apneia de ratos e ratazanas, mas suponho que não sejam particularmente dignas de nota.

Nunca tive nenhuma destas ratoeiras. Só conhecia aquelas de madeira e arame onde se mete um pedaço de chouriço ou queijo. O chamariz está preso numa ponta de arame e, quando este é puxado, um mecanismo baseado numa forte mola metálica dispara, ficando o rato preso entre o arame e a carcaça de madeira. Arranjámos uma destas. Comprámos também um chouriço no supermercado. Por sinal, o chouriço mais barato que encontrámos. Ela disse que não valia a pena gastar muito dinheiro na alimentação do rato. Eu não disse nada, mas não estava convencido que o rato fosse cair no engodo com aquela porcaria enchouraçada.

E não caiu. Não por ser um chouriço quase mais nojento do que ter um rato em casa, mas porque os ratos não são assim tão estúpidos. Vinte e quatro horas depois não havia chouriço nem rato dentro da ratoeira. Voltámos a colocar chouriço dentro do engenho. A medo, obviamente, não fosse a ratoeira apanhar-nos os dedos. Quem viu mais que uma hora de desenhos animados clássicos sabe que isto está sempre a acontecer. Mas, dedos seguros e aparelho montado, no fim de um novo dia não havia carne na ratoeira.

Consultámos amigos e o google e decidimos mudar de geringonça. Disseram-nos que havia umas ratoeiras de cola. Desta vez o chouriço estaria no meio da cola e o resto não era difícil de imaginar. Fomos a uma droguaria e trouxemos duas piscininhas de cola. Já sabíamos que era um rato esperto e por isso não metemos as fichas todas numa única ratoeira.

Mas funcionou à primeira. Telefonou-me a chorar. O rato tinha ido ao chouriço e estava na ratoeira colante. Vivo. Aquela coisa não tinha oferecido apenas a captura do bicho, mas todo um espetáculo de sofrimento da criatura ao encontrar a morte. Que me lembre a embalagem não advertia que era um espetáculo para maiores de dezoito anos não indicado a pessoas com problemas cardíacos. Felizmente não era o caso. Não valia a pena sequer tirá-lo dali. Estava cheio de cola, nunca conseguiria mover-se, coberto que estava daquela substância viscosa.

Há limites. Estamos em 2020. De certeza que conseguimos encontrar formas menos selvagens de apanhar animais indesejados. Mesmo que sejam animais nojentos. E espertos. Como ratos.

Pargos, carapaus, bogas, sardas, sargos, fanecas & outros

Em tempos o meu pai e dois amigos compraram um barco de pesca. Aos fins de semana levavam o barco atrelado a um carro e baixavam-no às águas da Ericeira se não estivessem demasiado agitadas. Dentro do barco iam umas canas de pesca e uns baldes que vinham cheios quando a grua do porto devolvia o barquito ao atrelado. Foi nesse bote que fui pela primeira vez ao mar, era então adolescente. O meu pai comprou-me uma cana, que não foi usada mais que meia dúzia de vezes e, alguns sábados de madrugada, pegámos nela, na do meu pai, em comida para um dia (quem vai para o mar avia-se em terra), e lá íamos para o mar. O meu tempo de pesca era muito curto. Enjoava rapidamente e depois deitava-me no chão do barco a dormir. Era fácil adormecer, quer pelo embalo das vagas, quer pela noite muito encurtada pela saída madrugadora.

Ao contrário do que vejo nos pescadores à beira-mar, no barco não era preciso muita paciência. O peixe aparecia. Se não aparecia, levantávamos o ferro e mudávamos o barco de pesqueiro até termos mais sorte. E se tínhamos sorte até eu pescava bastante.

Nessa altura gostava mais de carne do que de peixe. Os meus companheiros de barco brincavam comigo.

— Se calhar é hoje que a gente pesca um boi — diziam-me com a condescendência de homens feitos.

Num desses dias de pesca, já de tarde, depois de uma sesta, um peixe mostrava-se bastante obstinado. Eu era um miúdo franzino, na minha linha os peixes demoravam sempre mais a chegar. Mas, aquele, não havia maneira de o trazer para cima. A muito custo rodava o carroto. Já devia estar há cinco minutos ou mais à luta com a cana e com a força que a fazia dobrar quando os meus companheiros se aperceberam que aquilo estava complicado.

— É pá!... é agora, Sérgio, é agora que vem o boi — voltaram a gracejar.

Eu continuei a trabalhar para trazer aquilo à superfície, fosse peixe ou carne. Com mais uns minutos perceberam que, mesmo que não fosse boi, se calhar estava ali um peixe maior do que os que costumávamos pescar e começaram a ajudar-me. Confirmou-se quando o começámos a ver ainda a um metro da tona de água. Penso que nessa altura alguém tomou o comando da operação, e mesmo que o anzol tivesse partido, conseguimos trazer o peixe para o barco. Era um pargo que viemos a saber depois, já em terra, que pesava quase um quilo e meio. Não é muito, mas era bem maior do que aquilo que costumávamos trazer. Fizemos uma festa, olhámos bem para o animal e metemo-lo dentro de um dos baldes que ao longo do dia se haviam enchido de peixe. Depois do entusiasmo da faina ficou o silêncio. O pargo ficou ali, como os outros, a arfar, na

esperança de encontrar a água salgada que não viria. E a sacudir-se em espasmos que se iam tornando menos frequentes até ao sossego final.

Pela primeira vez fiquei a pensar naquilo. Era triste morrer assim. Os baldes eram a vala comum dos peixes.

Polvo

Nesse mesmo dia ainda pescámos um polvo. À linha. Não é fácil pescar um polvo à linha. Não é por acaso que o adágio popular não é “pela boca morre o polvo”.

Também foi coisa para demorar o seu tempo. Também eu graciejei que, afinal, eram eles que iam pescar um boi. Quando o polvo começou a surgir à superfície, não fui eu quem tratou do assunto, mas fui rápido a pegar no puxeiro e a passá-lo para as mãos de quem percebia daquilo.

Eu já tinha pensado nos peixes, mas ainda não tinha tido tempo para pensar nos polvos.

Gatos

Numa noite fria e chuvosa de Janeiro atravessou-se-me um gato à frente do carro. Travei e desviei-me para o lancil. Valeu-me um pneu furado e uma valente constipação ao mudá-lo. Antes disso, procurei o gato mas não o encontrei. Nunca tive a certeza de não o ter atingido.

Pardais, pintassilgos, toutinegras & etc

Um grupo de homens e rapazes juntou-se na aldeia num sábado qualquer. Montaram centenas de costelas — uma pequena armadilha metálica — com um isco qualquer no meio. Eu era muito pequeno e não montei nenhuma. Mas fui com eles pelos trilhos e pelas fazendas. Para mim era só passeio e brincadeira. Não houve pássaros mortos nesse dia.

No dia seguinte, no domingo a seguir a um sábado qualquer, foram recolher os dividendos da empreitada. Não fui nesse dia. Conta o meu pai que no dia seguinte, na segunda-feira seguinte a um sábado qualquer, não se ouvia o chilrear de nenhum pássaro. Nunca mais participámos em nada do género. O meu pai percebeu que aquele só era um sábado qualquer para nós.

Rabirruivo

Há um ano eu não sabia o que era um rabirruivo. Não sei se nunca me tinha cruzado com nenhum mas suspeito que não terá sido esse o caso. O mais provável é não ter reparado em nenhum, habituado que estava a preguiçosamente considerar como pardais todos os passeriformes de uma certa dimensão. Não olhamos muito para cima se não houver uma leve suspeita de que poderá chover. Andamos distraídos.

Foi depois de mudarmos de casa que comecei a ver frequentemente, da janela do sótão, um pássaro pequeno e esguio, preto com a cauda ruiva. Tinha um canto muito particular.

Um dia dei uso ao google e descobri que se chamava rabirruivo. Uns dias mais tarde vi um pássaro semelhante mas com uma plumagem mais clara. Dei uso ao google para ficar a saber que era um rabirruivo fêmea.

Com o tempo percebi que eram residentes na casa em ruínas ao lado da nossa nova morada. Eram nossos vizinhos.

Entretanto, chegou a pandemia e o isolamento. Fizemos os catorze dias de isolamento e soubemos que estávamos saudáveis. Mas isso não fez diferença nenhuma no nosso dia-a-dia. Continuámos a trabalhar em casa, a descansar em casa, a comer em casa, a reunir em casa, a ver cinema em casa, o que quer que fosse em casa. Primeiro os catorze dias. Depois vinte dias. Trinta. Chegámos aos dois meses de isolamento e continuámos a contar os dias para qualquer coisa que não sabíamos bem o que era. Não era uma contagem decrescente.

Na janela do sótão e no pátio víamos todo o mundo que nos estava disponível. Não era muito. Havia sol e plantas e pássaros. Eu já tinha reparado que existiam pássaros, mas nunca pensei que eles pudessem ocupar-me e distrair-me como aconteceu nessa altura. Comecei a fotografá-los. Pardais, pintassilgos, melros, rolas, gralhas, peneireiros e até cegonhas. E, claro, os rabirruivos nossos vizinhos que, embora sempre desconfiados, se deixavam observar e fotografar por breves mas muitos instantes da janela do sótão. Em plena quarentena apareceram mais dois rabirruivos. Duas crias recém-nascidas que passeavam no telhado, muito acompanhadas pelos progenitores. Vimo-los crescer. E vimos como – de salto em salto, primeiro, e de voo em voo, depois - foram fazendo do céu um espaço cada vez mais seu.

Fomos ler mais sobre estas aves. Há particularidades curiosas sobre os rabirruivos. Mas aprendemos uma coisa que me deixou ligeiramente apreensivo. Os rabirruivos são aves migratórias na parte sul do território português e residente na metade norte. Como nós vivemos mais ou menos a meio persistia a dúvida. Estariam estes vizinhos de passagem? Migrariam em breve? Não tínhamos resposta para estas perguntas. O tempo o diria. Tínhamo-nos apegado

àqueles rabirruivos e possibilidade da sua partida era mais uma sombra num momento que já era bastante sombrio.

Num desses dias escrevi sobre os rabirruivos. Sobre os meus vizinhos e sobre a espécie, dentro do pouco que sabia. E dei conta desta preocupação. De certa forma era uma pequena homenagem, um agradecimento por nos terem trazido momentos inesperados, pequenas alegrias e vida. Era como se fossem já uma parte da família.

Foi por esta altura que começámos a sair de casa por motivos que não se prendiam com compras absolutamente essenciais para não morrer à fome em casa.

Foi um ou dois dias depois de ter escrito sobre os rabirruivos que fomos visitar os meus pais pela primeira vez. Pegámos no carro e fomos propositadamente devagar, pelo caminho mais longo. Queríamos ver rua. Vales, montes, natureza, amplitude. Ver tudo muito bem. Tínhamos tempo.

O ar estava especialmente cristalino. A norte da Ericeira via-se com toda a clareza e detalhe as falésias do Cabo da Roca. Associámos isso à redução drástica da poluição naqueles meses. Continuámos viagem e conversa, lenta e casualmente.

Estava a ser um bonito passeio quando numa fracção de segundo algo se veio estatelar no para-brisas do carro. Antes ainda tinha conseguido ver e levar o pé ao travão. Mas não foi o suficiente. Assim que se deu o impacto eu percebi que era um pássaro. Percebi que era um rabirruivo. Levei a mão à face e parei o carro. Estava mal parado e desci um pouco mais para estacionar o carro em segurança. Corremos até ao local. Estava quieto o rabirruivo no alcatrão quente. Não fez o mais pequeno gesto. Nenhuma respiração, nenhum espasmo. Nenhuma reacção ao nosso toque. Uma pequeníssima poça de um sangue muito castanho havia-se formado junto ao bico. Estava morto. Eu não sei nada sobre a reanimação. Os rabirruivos são só uma espécie desta vasta ignorância.

Peguei-lhe desajeitadamente por uma asa, mais por choque do que por frieza, e pousei-o numa touceira à beira da estrada. Continuámos a olhar. Ele continuava morto. Voltámos a tocar nas suas penas, desta vez mais afectuosamente. O rabirruivo continuava morto e assim ia continuar, pelo menos se tudo aquilo que eu sabia sobre a morte não estava errado.

– Está morto –, voltei a dizer.

Não porque ainda não fosse claro, mas como forma de nos convencer de que não havia mais nada que pudéssemos fazer. Quando saímos dali, fizemo-lo relutantemente.

Visitámos os meus pais, mas a minha cabeça não estava lá. Mesmo que eu achasse que não tinha culpa, que ia muito devagar, que tinha sido o próprio pássaro a voar na direcção do carro, sentia-me como se tivesse atraído os

rabirruivos meus vizinhos.

Nessa madrugada, fui acordado pelo cantar do rabirruivo às quatro da manhã. Era normal cantar cedo — pelas seis, mais ou menos — mas nunca o ouvira àquela hora. Cantou ininterruptamente até me levantar, passava já das sete da manhã e, entretanto, não fui capaz de dormir. Talvez tivesse sentido o cheiro no carro. Talvez estivesse só com insónia. Talvez não fosse nada disto, mas nunca saberia.

O que eu sei é isto: vimo-los mais dois pares de vezes e, depois, nunca mais apareceram. Nunca mais os ouvi de madrugada. Da janela do sótão vemos pardais, estorninhos, rolas, pintassilgos, chamarizes, melros, verdelhões e, de vez em quando, mais ao longe, peneireiros. Mas não vemos rabirruivos.

Podia dizer que não tive culpa — talvez não — mas a verdade é esta: sou culpado pela morte de demasiados animais para não merecer castigo.